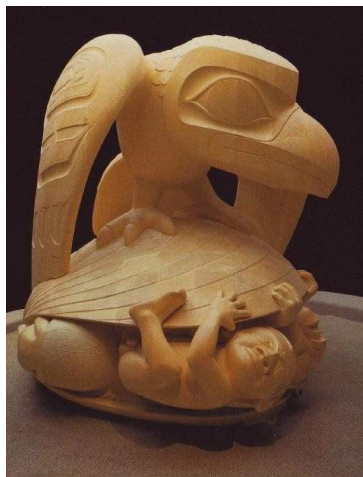


## DICIONÁRIOS DE FIGURAS E MITOS LITERÁRIOS DAS AMÉRICAS

### Exemplos de Verbetes

#### RECÉM-NASCIDO



#### Apresentação

A análise da figura do recém-nascido pretende destacar, no imaginário literário das três Américas, a eficácia do mito, sobretudo em textos literários que se pretendem fundacionais e portadores de estratégias de recomeço e renovação. Busca-se também, ao apresentar a figura do recém-nascido, identificá-la ao mito americano, definido por Jean Morency como sendo o mito do recomeço e da renovação por excelência.

As figurações do nascimento e do recém-nascido serão lidas a partir do suporte teórico de Gérard Bouchard, tentando recuperar os atributos que o autor aponta nos mitos, tais como sua função de mediação, sua representação fundadora e sua eficácia. Como se sabe, a escolha dos mitos pelos escritores não é inocente e sua inscrição no tecido literário é prevista para causar um impacto político e social. O imaginário no qual os mitos são apresentados mascara muitas vezes seu poder de desestabilização e contribui para a renovação social, lá onde os discursos racionais falharam.

Maximilien Laroche teorizou, em diferentes obras, sobre a figura do recém-nascido, associando-a ao mito do Novo Adão. Na esteira de R.W.B. Lewis, Laroche afirma que se trata de um mito estadunidense, pois “os pais fundadores que desembarcaram no séc. 17, no litoral leste da América do Norte, fugiam de perseguições na Europa. Eles estavam em busca de uma terra prometida onde poderia renascer um novo Adão” (Laroche, 1997, p.111). O autor estuda também a inscrição desses mitos nas

literaturas haitiana e quebequense, quando poetas como Paul Chamberland e Louis Fréchette constroem “poemas de pertencimento” à terra do Quebec cuja identidade eles ajudam a afirmar.

O mito adâmico representa o Novo Mundo como a segunda e última chance para a humanidade. Segundo a leitura que Lewis faz de *Leaves of Grass*, de Walt Whitman, o poeta substitui o pecado original pela inocência, como primeiro atributo do caráter americano: “This new Adam is both maker and namer; his innocent pleasure, untouched by humility, is colored by the pride of one who looks on his work and finds it good” (Lewis, 1955, p. 51).

## **Histórico**

Em cada nova época histórica, ocorre a criação da figura de um homem primordial que desempenha o papel de um novo Adão.

Nascimento e infância são símbolo de inocência e de recomeço a partir de um grau zero. Infância remete à fase antes do pecado original, à simplicidade natural e à espontaneidade, correspondendo àquele que não tem idéias pré-concebidas e que, portanto, tem condições de recomeçar.

Diferentes religiões têm, no nascimento de uma criança, a esperança de renovação: no Cristianismo, o nascimento de Jesus dá origem à regeneração e a uma nova era. No judaísmo, um novo Messias, será aquele que poderá vir para redimir e para salvar.

A figura do nascimento de uma criança está, pois, desde os primórdios, associada à regeneração, à redenção e à salvação de uma determinada coletividade.

## **Campos de aplicação**

Apresentam-se a seguir reutilizações literárias desse mito nas principais literaturas das Américas, tentando destacar sua eficácia na construção do que Jean Morency chama de mito americano e que se constrói na tentativa de superar os conflitos fundadores e de dar um sentido positivo à habitabilidade e à hospitalidade do continente.

No âmbito da literatura brasileira, José de Alencar, escreve *Iracema*, em 1857, romance fundador da jovem nação que acabava de tornar-se independente em 1822. *Iracema* (anagrama de América) chama a atenção para a lenda da fundação da província

do Ceará e revaloriza os índios Tabajara que povoavam a região antes da chegada dos portugueses. O que corresponde, sem dúvida, a “tomar de empréstimo a longa historicidade da população autóctone” (Bouchard). Iracema, princesa da tribo Tabajara, terá um filho, Moacyr (filho da dor), fruto de seu amor pelo nobre guerreiro português Martin. Vê-se aqui o mito como suporte de uma representação fundadora da mestiçagem, que está na base da colonização brasileira, e como garantia de uma ascendência gloriosa para os brasileiros. O recém-nascido Moacyr, origem do povo brasileiro, representa assim a ultrapassagem do conflito entre índios e portugueses, a afirmação da mestiçagem inaugural, constituindo-se como a base sobre a qual a identidade nacional poderá afirmar-se. Note-se que o autor apagou prudentemente a forte presença do negro nessa época como terceira etnia a participar do processo de mestiçagem. A vida que nasce da morte da mãe, Iracema, representa ao mesmo tempo o desaparecimento da América mítica, que sucumbe ao contato da “civilização”, e a solução das contradições entre duas visões de mundo, a dos brancos e a dos índios. O recém-nascido, como um novo Adão, ultrapassando o conflito, inaugura possibilidades novas de coexistência étnica na nação brasileira. Esse seria um exemplo da estratégia de Alencar de dotar a jovem nação brasileira de uma memória longa que “tem a faculdade de repudiar, de escolher ou de adotar seus ancestrais” (Bouchard, 2005, p. 11).

Na literatura brasileira de diferentes épocas, pode-se verificar a inscrição desse mito em romances e poemas que dão origem a um sujeito novo com o objetivo de restabelecer a integridade do sujeito degradado, como é o caso do célebre poema *Morte e vida Severina* (1954), de João Cabral de Melo Neto. Esse poema, um século após a publicação de *Iracema*, reintroduzirá o topos do nascimento como uma utopia possível. Severino é um *retirante* que só vê à sua volta desolação, sofrimento, fome e morte, durante toda a sua errância do sertão para a cidade. No auge do desespero, pensando no suicídio, ele recebe a notícia do nascimento do filho de mestre Carpina, o carpinteiro que o havia acolhido. Esse nascimento protagoniza a renovação de Natal: o (re) nascimento do (novo) Cristo (também filho de um carpinteiro, José) sugere a possibilidade de uma nova vida onde só há fome, desespero e desolação. Trata-se da função mediadora do mito que pode remediar o que a sociedade não consegue resolver. O germe desta vida frágil é a representação do novo e a ruptura com tudo o que foi contaminado pela velha ordem; o sangue novo poderá curar a anemia da coletividade.

Esta vida nova virá denunciar a estrutura social injusta do Brasil e a moral cínica de seus governantes; oferecendo o homem pobre do nordeste como antídoto à corrupção,

o poeta apela para a possibilidade de renascimento de uma nova ordem social mais justa, sem depender de governos ou governantes, contando apenas com a capacidade de regeneração do homem.

Acrescente-se um último exemplo da literatura brasileira contemporânea: *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. A saga que retoma quase quatro séculos da história do Brasil, está centrada em uma personagem feminina, Maria da Fé, mestiça, filha bastarda do Barão de Pirapuama que violara uma de suas escravas. Essa criança, nascida da mestiçagem e símbolo da violência cometida pelos senhores brancos contra seus escravos, terá a tarefa de despertar o processo de conscientização dos escravos que desembocará nas rebeliões e nas fugas para a organização dos quilombos, início do processo de desestabilização que terá como desfecho a Abolição da escravatura, em 1888.

Estudando a figura do bastardo no contexto americano, Bouchard sublinha que esta figura adquire a estatura “de uma espécie de paradigma, de um princípio produtor e organizador de percepções, de conhecimentos e de atitudes” (Bouchard, 2002, p.6). É Maria da Fé, jovem bastarda, quem mostrará à sua comunidade a importância de revalorizar e de se apropriar do capital cultural afro-americano que será um dos elementos constitutivos do festim antropofágico brasileiro.

Na literatura haitiana, *Gouverneurs de la rosée* (1944), de Jacques Roumain, reedita o mesmo mito: o personagem principal Manuel, de volta ao Haiti depois de longos anos de exílio em Cuba, se consagra à tarefa de encontrar uma fonte para salvar sua comunidade de uma longa seca. Qual um novo Cristo, ele morre quando finalmente encontra a água, esperança de renovação para seu povo. Sua mulher Annaïse, está grávida, símbolo de esperança para a comunidade. O autor evita, assim, que o desfecho seja totalmente pessimista. O recém-nascido, herdeiro da força de seu pai que guiou o povo para a salvação, apresenta-se, ao mesmo tempo, como vetor de continuidade, de preservação e de transformação e, sobretudo, de esperança. A morte de Manuel não terá sido em vão, pois no momento em que sua mãe, Délira, faz o luto de seu filho, a esposa, Annaïse diz:

- Non, il n'est pas mort.  
Elle prit la main de la vieille et la pressa doucement contre son ventre  
où remuait la nouvelle vie (Roumain, 2003, p. 396).

A inscrição literária do mito renova o ciclo milenarista da utopia que, segundo Bouchard, fez sucederem-se “primeiramente os grandes sonhos, o encantamento do começo, depois o desencantamento, a falência dos sonhos iniciais, e enfim, as vontades,

as tentativas de re-encantamento” (2005, p.11). Ao fracasso representado pela morte do herói Manuel, sucede-se a gravidez de Annaïse, símbolo de reconquista e esperança para o povo desfavorecido do Haiti. Roumain situa-se entre os escritores dos anos quarenta e cinquenta do Caribe francófono para os quais a palavra poética é uma arma milagrosa, como afirmava Césaire, portadora de esperança e capaz de mudar e de re-encantar o mundo.

A literatura cubana nos dá igualmente um bom exemplo da narrativização do mito do recém-nascido: o primeiro romance de Alejo Carpentier, *Ecuê-yambo-ô* (1933; a primeira versão foi escrita na prisão e é de 1927). Esse romance de juventude, como o autor mesmo o considera, conta a história de Menegildo, jovem, pobre, vivendo em Cuba nos anos 20 onde não havia possibilidade de vida digna para nem para negros, nem para trabalhadores rurais. O autor fora amigo de infância de Menegildo e, durante um período na prisão, decide escrever sobre sua vida, suas desventuras, sua prisão e finalmente sua morte. Trata-se de um belo relato onde o autor pouco a pouco apercebe-se do espírito de resistência que reinava entre os companheiros oprimidos e a profundidade das crenças e práticas ancestrais que representavam um desafio à arrogância dos que detinham o poder.

O narrador fala da chegada a Cuba - sob o regime de Machado, ditador que será derrubado por Fidel Castro e seus guerrilheiros - de imigrantes haitianos e jamaicanos e da grande miséria que imperava nesse regime despótico e injusto.

Com a morte do protagonista, Longina, sua companheira, anuncia à mãe de Menegildo que uma criança nascerá em breve. No prólogo da edição brasileira de 1989, o autor declara que esta criança terá, em 1959 (data da revolução cubana), 28 anos: “ele terá visto outras coisas, terá escutado outras palavras e para ele outros galos cantarão na aurora da revolução que deverá restituir ao povo sua dignidade e sua dimensão de Homem, em uma nova realidade” (Carpentier, 1989, p.11). Pode-se constatar aqui o papel do recém-nascido como projeção utópica, correspondendo à fase engajada do autor que era socialista militante.

Na literatura quebequense, *Mistouk* (2002), de Gérard Bouchard, constitui um eloqüente exemplo da reedição do mito do recém-nascido. O nascimento do filho de Senelle, a jovem Manigouche, e Roméo (cujo apelido é “Grand” ou Méo) é uma re-escritura do mito da renovação a partir do qual se desenha a ultrapassagem dos conflitos primordiais. Nesse romance – como em outros analisados anteriormente - a vida recomeça com a mestiçagem e o leitor pode esperar que o recém-nascido, que carrega consigo as duas heranças (européia e indígena), venha anunciar a solução dos impasses e

das contradições entre colonizadores e população autóctone. “Le 24 juin 1919, Senelle accoucha d’un fils appelé Moïse-Méo-Léopaul”(Mistouk, p.503). O próximo romance do autor, *Pikauba* (2004), conterà a narração das aventuras de Léo, filho bastardo de Senelle e Méo, cujo percurso será extremamente tumultuado. Ele atravessará, ao longo de sua vida, as diferentes etapas que Bouchard associa ao bastardo: a desafiliação, tempo de revolta contra os preconceitos e as tradições, o esforço para superar estas dificuldades, o que corresponde a um tempo de reapropriação e ou de desencantamento, e, finalmente, um tempo de re-afiliação onde ele aprende a revalorizar a tradição.

### **Síntese crítica**

As inscrições literárias do mito do recém-nascido, marcado pela inocência, remetem ao recomeço de uma nova vida em um Novo Mundo (as Américas). A falência das utopias não impedirá os escritores americanos de sonhar a América, de propor novas formas de reinventá-la e de vislumbrar maneiras de re-encantar a marcha do mundo, para retomar conceitos que são caros a Gérard Bouchard cujas reflexões sobre os imaginários coletivos das Américas constituíram os fundamentos desse verbete. Espera-se ter sido possível demonstrar que os autores americanos fazem sistematicamente apelo ao mito e às figurações míticas que vêem, como quer Bouchard, “au secours de la pensée” guardando uma relação funcional e utilitária com a razão “dont il(s) compense(nt) avec plus ou moins de succès les insuffisances” (Bouchard, 2003, p. 102).

Nota: os textos de Gérard Bouchard foram traduzidos pela autora do verbete, pois ainda não há tradução para o português de sua obra.

### **Bibliografia literária**

- ALENCAR, José de. *Iracema*, lenda do Ceará. Aix en Provence: Alinéa/Unesco, 1985.
- BOUCHARD, Gérard. *Mistouk*. Montréal: Boréal, 2002.
- CARPENTIER, Alejo. *Ecuê-Yamba-ô*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Trad. Mustafá Yazbeck.
- MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. 4 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. In: *Obra completa*. Edição organizada por Z. Bernd (Col. Biblioteca Luso-brasileira). Édition française: Paris, Belfond, 1989.
- ROUMAIN, Jacques. *Gouverneurs de la rosée* (récit haïtien). In : *Œuvres complètes*. Org. Léo-François Hoffamn. Collection Archivos, n. 58. Madrid, 2003. p. 249-396.

## Bibliografia teórico-crítica

- BERND, Zilá (org.). *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BOUCHARD, Gérard. *Des jeux et des nœuds de mémoire: la construction de la mémoire longue dans les nations du Nouveau Monde*. Miméo, Chicoutimi, 3/nov/2004.
- \_\_\_\_\_. L'analyse pragmatique des figures et mythes des Amériques; proposition d'une démarche. Chicoutimi, 28/fév./2005.
- \_\_\_\_\_. Une définition du mythe. Doc. De recherche n. I-E-13, nov/2004.
- \_\_\_\_\_. Sur la structure et l'évolution des imaginaires collectifs: quelques propositions. Chicoutimi, sep./2002.
- \_\_\_\_\_. Un archémythe: le bâtard. Chicoutimi, mars 2005.
- \_\_\_\_\_. *Raison et contradiction: Le mythe au secours de la pensée*. Québec: Nota Bene/CEFAN, 2003.
- LAROCHE, Maximilien. *Sémiologie des apparences*. Québec: GRELCA, Université Laval, 1994. Coll Essais 11.
- \_\_\_\_\_. *Bizango; essai de mythologie haïtienne*. Québec: GRELCA, univ. Laval, 1997. (collection essais, 14).
- LEWIS, R.W.B. *The American Adam*. Chicago: The University of Chicago Press, 1955.
- MORENCY, Jean. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique*. Québec: Nuit Blanche, 1994.

**Autora do verbete:** Zilá Bernd

**Ver também:** Medéia; Índio; Negro; Mestiço; Retirante; Sertão; Bastardo; Novo Mundo.

## Equivalências

Espanhol: Recién nacido, nuevo Adam.

Francês: Nouveau-né, nouvel Adam.

Inglês: New born, new Adam.